

A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO NEOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DE “O BEM-AMADO”, DE DIAS GOMES

Gabriela Farley M. Zambi (PUC-Rio)
gabifarley@yahoo.com.br

1. Introdução

Nas aulas de língua portuguesa, geralmente, costuma-se segmentar, analisar e classificar, de acordo com os processos de formação de palavras, as formações lexicais e/ou neológicas. Observamos, no entanto, que o tipo de tratamento dado a estas é reducionista, uma vez que não leva em conta o contexto sociocomunicativo em que estão inseridas e não permite que se busque identificar de que modo se pode explorar o potencial de criação de novas palavras, a fim de que estas sejam usadas, em textos não literários ou literários, como recurso para a construção da tessitura textual.

Neste trabalho, procuramos mostrar a importância do processo neológico na construção de sentido de “O Bem-Amado”¹, de Dias Gomes.

Para tal, examinamos, em linhas gerais, os processos de ampliação lexical que foram utilizados pelo autor, o conceito de neologismo, os elementos envolvidos na construção de sentido do texto e fazemos uma síntese do enredo da obra. Em seguida, com base no levantamento das formações neológicas presentes em “O Bem-Amado”, procedemos à análise dos dados. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2. Processos de ampliação lexical

A derivação e a composição são os processos mais produtivos na criação de novas palavras em português. Na derivação, há a adjunção de afixos (prefixos e sufixos) à palavra-base. Em contrapartida,

¹ A edição de “O Bem-Amado” utilizada neste trabalho é a de 2000, que constitui uma reformulação da versão original.

na composição “se juntam dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, para darem a ideia de um novo ser ou objeto” (ROCHA LIMA, 1985, p. 198).

A ampliação do léxico, no entanto, não restringe a esses dois processos, pois é possível formar novas palavras através da conversão – que consiste na transposição de um item lexical de uma classe para outra, sem que haja alteração em sua forma fonológica (BASÍLIO, 2007, p. 66) – e das extensões de sentido metafóricas que se caracterizam pela “criação de novos usos para expressões e palavras já existentes, com base numa relação de similaridade” (LAROCA, 1994, p. 92).

Em “O Bem-Amado”, Dias Gomes lançou mão dos processos ampliação lexical aos quais fizemos referência a fim de criar neologismos.

3. *Neologismo*

O neologismo é o produto de um processo de criação lexical denominado neologia. Charaudeau e Maingueneau (2004) classificam a neologia como neologia de sentido e de forma. A primeira consiste no emprego de um significante já existente na língua, ao qual seja dado um significado que não possuía, enquanto a segunda, na criação de significantes novos.

Visando a examinar em que medida as formações neológicas podem servir como recurso na construção da tessitura textual, passamos a observar, a seguir, os elementos envolvidos na construção de sentido do texto.

4. *Construção de sentido do texto*

A leitura de um texto é uma atividade de interação entre autor, leitor e texto. Nessa interação, entram em jogo o conhecimento prévio e os intertextos, visto que, como afirma Koch (1998, p. 34), “não podem existir textos totalmente explícitos”. Cabe, então, àquele que lê a tarefa de construir o sentido do texto, utilizando, para isso, o

conhecimento prévio. De acordo com Kleiman (1999), este se subdivide em linguístico, textual e de mundo (ou enciclopédico).

O conhecimento linguístico diz respeito à competência linguística do falante e desempenha papel central no processo de leitura.

O conhecimento textual relaciona-se ao “conjunto de noções e conceitos sobre o texto” (KLEIMAN, 1999, p. 16). A ativação desse conhecimento permite ao leitor identificar diversos gêneros textuais e modos de organização do discurso.

O conhecimento enciclopédico é relativo ao que se aprende formal e/ou informalmente, ao longo da vida.

Levando em conta o objeto de estudo deste trabalho, partimos do pressuposto de que, na leitura de “O Bem-Amado”, a ativação dos três níveis de conhecimento é fundamental. Prioriza-se, entretanto, o linguístico, já que Dias Gomes explora intencionalmente o léxico, a fim de, através da ampliação ou da subversão de estruturas canônicas de criação de novas palavras, materializar sua intenção discursiva, fazendo uso expressivo de neologismos.

5. *Enredo*

Para situar melhor em que terreno a verborragia de Odorico Paraguaçu encontrou campo fértil, resumiremos, a seguir, o enredo da obra.

A história se passa em Sucupira, uma pequena cidade de veraneio do litoral baiano, onde reside o protagonista Odorico Paraguaçu.

Odorico é um homem – “demagogo, bem-falante, teatral no mau sentido...” (GOMES, 2000, p. 22) – que se serviu de sua habilidade oratória para convencer os cidadãos sucupiranos a votar nele, prometendo a estes que, depois de eleito, construiria um cemitério.

Depois de tornar-se prefeito, Odorico cumpre a promessa e constrói a necrópole. Porém, surge um grande problema: não havia nenhum defunto para enterrar, o que, conseqüentemente, impossibilitava a inauguração do cemitério.

Com o passar do tempo, o protagonista lança mão de diversos estratégias – inclusive o de dar o cargo de delegado da cidade a Zeca Diabo, que era um cangaceiro – visando a conseguir o defunto para inaugurar o campo-santo. No único que dá resultado, Dirceu Borboleta mata sua mulher Dulcinea; contudo, a família não permite que esta seja enterrada em Sucupira.

Tendo sua imagem desgastada pela descoberta de inúmeras falcatruas, nas quais os “finalmentes” justificavam os “não obstantes”, e também pelo fato de o cemitério não ter sido inaugurado, Odorico acaba sendo morto por Zeca Diabo e é o primeiro a fazer uso da necrópole que fora a grande obra de sua vida.

Assim como Odorico Paraguaçu, existem políticos que priorizam suas “grandes obras” em detrimento das necessidades do povo. Estas geralmente só são lembradas por eles durante o período de campanha eleitoral. Na verdade, esses “homens do povo”, em sua maioria, são, tal qual o protagonista da obra analisada neste trabalho, caricaturas. Caricaturas de homens cuja vida política está alicerçada em falácias e promessas não cumpridas, em discursos que visam, essencialmente, a ludibriar o povo e a alijá-lo de melhores condições de vida.

O reconhecimento dessa triste realidade presente em “O Bem-Amado” – e no cenário político brasileiro – é feito basicamente através da ativação do conhecimento de mundo. Esse tipo de conhecimento prévio nos remete às palavras de Paulo Freire, quando este afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1997, p. 11), pois o leitor é, ao mesmo tempo, aquele que faz a leitura do mundo cotidianamente e utiliza-a ao interagir com o texto ficcional.

Em “O Bem-Amado”, nessa interação entre autor, texto e leitor está subjacente não só o conhecimento de que a maioria dos políticos é corrupta, mas também de que o discurso é, por eles, manipulado ideologicamente.

6. *Análise dos dados: do processo neológico à construção de sentido do texto*

A fim de hierarquizar as ocorrências coletadas em “O Bem-Amado”, primeiramente analisaremos os neologismos criados através do processo de derivação; em seguida, passaremos aos que foram formados através da composição, da conversão e das extensões de sentido metafóricas.

6.1. Derivação

Com base no levantamento dos dados, verificamos que a maior parte dos neologismos presentes na obra em estudo foi formada através da adjunção dos sufixos -mente, -ismo, -ista, -ice, -ento, -agem, -mento e -ança a palavras-base.

No que diz respeito às formações neológicas em -mente, observamos que houve a subversão dos cânones do processo de formação de palavras, pois Dias Gomes usou advérbios (3)² e locuções prepositivas (4) para criar novos advérbios em -mente, em vez de bases adjetivas.

(3) “*Agoramente* já investido no cargo de prefeito...” (p. 31)

(4) “Mas o acontecido *pratrasmemente* não conta” (p. 66)

Além do sufixo adverbial -mente, o autor lançou mão de -ista para formar novas palavras. Consideramos que a escolha desse sufixo: a) visa a ressaltar traços do caráter dos personagens e/ou as características inerentes à cidade de Sucupira, como em (5)-(6); e b) está relacionada à temática da obra – predominantemente política –, já que -ista, segundo Alves (1990, p. 30), marca “a adesão à filosofia de uma personalidade, uma doutrina”, conforme vemos em (7).

(5) “[...] que eu faço com um *mau-caratista* como esse, Dona Doro-tea?” (p. 42)

² Este artigo parece ter sido extraído de um texto maior, pela ocorrência da numeração dos exemplos a partir de (03).

(6) “O mal desta terra é que todo mundo é bom, pacato. Esse *pacatismo* é a nossa desgraça” (p. 62)

(7) “Esses *badernistas* conseguiram botar o povo contra mim...” (p. 119-120)

-Ista também foi utilizado por Dias Gomes com sentido pejorativo, como se verifica em (8)-(10). Nesses exemplos, é possível perceber claramente a intenção de Odorico Paraguaçu não só de expressar seu descontentamento em relação ao primo Ernesto – que havia ido morrer em Sucupira (e não morria!) –, mas também de depreciar Neco Pedreira e a gazeta escrita por ele.

(8) “Nunca vi tanta vocação pra agonizante. É um *agonizista* praticante” (p. 53)

(9) “Nem que tenha de entrar em acordo com aquele *gazetista* patifento” (p. 81-82)

(10) “[...] Não leiam essa gazeta *demagogista!*” (p. 117)

Basílio (2007, p. 91), ao tratar da questão da pejoratividade na nominalização, destaca que

Alguns sufixos apresentam uma função pejorativa além de sua função de mudança de classe. Em geral, tais sufixos aparecem sobretudo combinados com bases que já indicam ideias ou consideradas culturalmente negativas ou facilmente consideradas como tais em determinadas circunstâncias.

Em “O Bem-Amado”, além da carga de pejoratividade acrescentada pelos sufixos *-ice*, *-ento* e *-agem* a palavras como defunto (defuntice), pacato (pacatice), patife (patifento) e safado (safadagem) que já são consideradas culturalmente negativas, houve o espraio do sentido pejorativo a *-mento* (11) e *-ança* (12).

(11) “Dirceu Borboleta está meio gira. O que ele fez é uma prova de *desmiolamento*. Matar a mulher, que era uma santa...” (p. 115)

(12) “A longa e tortueta história de Odorico, dito o Bem-Amado, em suas andanças e *safadanças* por esse mundo sem Deus...” (p. 13)

Em (12), a intenção discursiva de Dias Gomes parece ser a de, ao apresentar sua obra, mostrar duas características nela marcantes: o humor e a pejoratividade, porque embora o sufixo *-ança* não

tenha, geralmente, valor pejorativo, o autor atribui-lhe este ao criar uma forma neológica cuja base é safado.

6.2. Composição

Mesmo não sendo um processo tão produtivo quanto a derivação na criação de neologismos em “O Bem-Amado”, foram encontrados alguns compostos, como *mata-bicho* (13) e *engasga-gato* (14).

(13) “Vem tomar um *mata-bicho*, Moleza.” (p. 19)

(14) “Seu Dermeval, me bota aí um *engasga-gato*.” (p. 30)

Em (13) e (14), observamos que os compostos são subordinativos, pois há uma relação de dependência sintática entre verbo e objeto direto, na qual aquele é o termo determinado e este, o determinante.

Em relação ao significado dos compostos neológicos em (13) e (14), convém lembrar que, às vezes, o povo renomeia objetos, bebidas, buscando com isso, de certo modo, minimizar o valor depreciativo que alguns têm culturalmente. Dias Gomes parece ter sido influenciado pela *vox populi* ao criar os compostos *mata-bicho* e *engasga-gato*, ambos relativos à cachaça.

6.3. Conversão e extensões de sentido metafóricas

Além dos processos de ampliação lexical já mostrados, os neologismos presentes em “O Bem-Amado” também foram criados a partir da conversão e das extensões de sentido metafóricas.

Em relação à conversão, existem as seguintes ocorrências na obra: os entretantos (15), os não obstantes (16), os anteontem (17), nos depois de amanhã (17) e (94?) os finalmentes³.

³ A forma “finalmentes” parece já ter sido adotada pelos falantes de língua portuguesa; por isso, decidimos não mais a considerar um neologismo, levando em conta, principalmente, que “a legitimação do que se diz ou do que se deve dizer depende fundamentalmente da chancela da comunidade, povo” (SILVA, 2000, p.146).

(15) “[...] Botando de lado *os entretantos* e partindo pros finalmente, é uma alegria poder anunciar...” (p. 31)

(16) “Em política, Dora Dorotea, os finalmentes justificam *os não obstantes!*” (p. 71)

(17) “[...] Sei, sei. Mas agora tudo vai mudar. Vamos esquecer *os anteontem* e pensar *nos depois de amanhã*” (p. 98)

Em (15), observamos que a conjunção *entretanto* foi substantivada. Essa conjunção faz parte de um grupo de “operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias” (KOCH, 2004, p. 35). Nesse sentido, podemos dizer que, ao buscar botar de lado os “entretantos”, em verdade, Odorico verbaliza o desejo de não aceitar argumentos contrários aos dele.

Em (16) e (17), Dias Gomes lança mão da polifonia ao fazer uma alusão, respectivamente, aos ditos populares “os fins justificam os meios” e “vamos esquecer o passado e pensar no futuro”, mantendo o significado destes, mas substituindo por neologismos as palavras que os compõem.

No que diz respeito às extensões de sentido metafóricas, foram encontradas na obra algumas ocorrências que são usadas frequentemente na linguagem coloquial, como “entornar um bocado” (beber excessivamente), “passar fogo” (matar) e “levantar âncora” (ir embora) e outras que foram utilizadas por Dias Gomes para fazer referência à morte, conforme vemos em (18).

(18) “[...] Andei a cidade toda, perguntei a todo mundo. Ninguém sabe de ninguém que esteja para *espichar*.” (p. 45)

7. *Considerações finais*

Neste trabalho, verificamos que, majoritariamente, as formações neológicas em “O Bem-Amado” são neologismos de forma (cf. CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004) criados através do acréscimo de sufixos nominais.

No que diz respeito à construção de sentido textual, constatamos que a materialização das intenções discursivas de Dias Gomes se dá, fundamentalmente, por meio do discurso de Odorico Paragua-

çu. Neste, observa-se, claramente, que um dos recursos utilizados por Odorico para depreciar as pessoas era lançar mão de neologismos com valor pejorativo. Estes contribuem para dar o tom de humor que permeia todo o texto.

O humor, em “O Bem-Amado”, é produto da associação entre o caráter caricatural e verborrágico do protagonista da obra e a “força” discursiva que as formas neológicas criadas por Dias Gomes ganham “na farsa sociopolítico-patológica” (GOMES, 2000, p. 5) que tem Sucupira como cenário.

Quanto à pejoratividade, podemos afirmar que há um número significativo de neologismos presentes na obra com valor depreciativo. Este foi conseguido pelo autor não só através do acréscimo dos sufixos -ice, -ento, -agem a bases culturalmente negativas, mas também do espraiamento do sentido pejorativo a -ista, -mento e -ança.

Dias Gomes subverteu também as regras do processo de formação de palavras ao lançar mão de advérbios, que não são formas derivantes, para criar novas unidades léxicas em -mente.

Em relação às extensões de sentido metafóricas, notamos que estas foram usadas pelo autor da obra em estudo como uma forma de dar voz às metáforas populares.

Além de dar voz às metáforas do povo, Dias Gomes valeu-se também da polifonia ao substituir palavras já conhecidas de ditados populares por neologismos criados a partir da conversão, como em “Os finalmentes justificam os não obstantes”. (p. 71)

Esse enunciado parece resumir o enredo de “O Bem-Amado”, as histórias que acontecem no cenário político brasileiro, a maneira como muitas pessoas têm conquistado suas “vitórias” atualmente. A fim de buscar mudar esse cenário, é necessário que nós, professores, desenvolvamos um trabalho, não obstante as pedras encontradas no meio do caminho, em que os alunos sejam capazes não só de criar neologismos, mas também de escrever uma nova história em que políticos, como Odorico Paraguaçu, não os alijem de melhores condições de vida e não os tornem céticos, a ponto de crer que independentemente das circunstâncias “os finalmentes justificam os não obstantes”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1997.

GOMES, Dias. *O Bem-Amado*. 2. ed. reform. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9 ed. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. Processos de novas palavras. In: _____. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994, p. 83-95.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa*. 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 142-146.